

THE TREASURE OF THE SIERRA MADRE / 1948

(O Tesouro da Serra Madre)

um filme de John Huston

Realização: John Huston / **Argumento:** John Huston, segundo o romance homónimo de B. Traven / **Fotografia:** Ted McCord / **Direcção Artística:** John Hughes / **Montagem:** Owen Marks / **Música:** Max Steiner / **Intérpretes:** Humphrey Bogart (Fred C. Dobbs), Walter Huston (Howard), Tim Holt (Curtin), Bruce Bennett (Cody), Barton MacLane (Pat), Alfonso Bedoya (Chapéu Dourado), Arturo Soto Rangel (Presidente), Manuel Dondé (El Jefe), José Torvay (Pablo), Margarito Luna (Pancho), Bobby/Robert Blake (rapaz mexicano), John Huston (Casaco branco), Roberto Cañedo (tenente mexicano), Jack Holt, etc.

Produção: Henry Blanke, para a Warner / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 126 minutos / **Estreia Mundial:** 24 de Janeiro de 1948 / **Estreia em Portugal:** Capitólio, em 30 de Novembro de 1948; Reposição: Condes, em 13 de Março de 1964.

Primeiro, vamos lá esclarecer uma questão. Quem é B. Traven, o autor do romance que Huston adapta neste filme, e que só anos depois da sua morte se começou a descobrir com algumas (e mesmo assim não definitivas) certezas? Quem foi este misterioso escritor, evanescente e arredo a qualquer encontro, mais escondido ainda do que Salinger ou Thomas Pynchon? As investigações levadas a cabo por vários investigadores desde 1970 revelam pormenores sugestivos. Segundo a entrada do Catálogo do AFI, uma reportagem da BBC revelou que o nome real de Traven era Herman Albert Otto Maksmilliam Feige, nascido na aldeia de Swiebodzin, na Alemanha em 1882, e que teria abandonado o país em 1919 por ter sido sentenciado à morte. John Engell, num artigo publicado na "Literature and Film Quaterly" reduz o seu nome para Otto Wienecke, e que a fuga da Alemanha terá tido lugar em 1923 tendo vivido desde 1924 até à sua morte (na Cidade do México a 27 de março de 1969) no México. Na verdade quase toda a sua obra literária conhecida tem este país por cenário, e o nome de B. Traven como autor. Na introdução à nova edição das suas obras em França pela 10/18, Olivier Barrot dá mais alguns esclarecimentos: que como Ret Marut assinou artigos na imprensa alemã, que vagabundeou pela Alemanha no começo do século XX como actor e que, como socialista, esteve muito ligado à efémera República dos Conselhos de Kurt Eisner em Munique em 1919, obrigado a fugir para a Áustria, após o seu esmagamento e a condenação à morte de Marut. Os anos que vão até à chegada ao México, passou-os numa errância, que o levou à Suíça, Países Baixos, Canadá (de onde foi expulso) e Inglaterra (onde esteve na prisão), tendo-se fixado no México em 1925. Aqui começou a escrever uma série de livros sob o nome de B. Traven, mas escritos na sua língua de origem, o alemão. Alguns dos seus livros mais importantes foram adaptados ao cinema: "Das Totenschiff", na Alemanha, por Georg Tressler (**Das Totenschiff/O Navio da Morte**), "Die Rebellion der Gehenkten" por Alfredo Crevenna e Emílio Fernandez (**La Rebelión de los Colgados**), o conto "Macário" por Roberto Gavaldón (**Macário**) e outros contos no filme em episódios **Canasta de Cuentos Mexicanos/Canasta**, de Júlio Bracho. Entre outras adaptações estas são as mais importantes ao lado de **The Treasure of the Sierra Madre**, cujo romance teve a sua primeira edição na Alemanha em 1927 com o título "Der Schatz der Sierra Madre", tendo sido traduzido por Traven para inglês e publicado nos Estados Unidos em 1935.

Se nos alongamos tanto pela personalidade (ou o que dela se conhece) do escritor, é porque entre ele e o realizador há mais de uma aproximação: a errância, o gosto pela aventura, um certo compromisso social que é mais de índole individualista que colectiva, que os empurra para o campo do anarquismo, a paixão pelo México e uma certa atracção pelo mistério, pelo embuste. Neste último aspecto Traven está, inclusive, também próximo de outro cineasta contemporâneo de Huston, Orson Welles, ou algumas das personagens por este criadas. Tal como Arkadin manda um detective descobrir o seu passado, a fim de melhor o "apagar", Olivier Barrot informa-nos que Traven, em 1959, regressou por um breve espaço de tempo à Alemanha, tendo então "confundido" todas as pistas que permitissem conhecer o seu passado, enquanto vivo.

Os direitos de **The Treasure of the Sierra Madre** foram comprados em 1941 pela Warner, para um filme a ser dirigido por John Huston, ainda "fresco" do sucesso de **The Maltese Falcon**. Alguns problemas (a dificuldade de encontrar o autor, entre outros) arrastaram o processo por mais de um ano. E quando em julho de 1942 ficou tudo resolvido, Huston estava já no exército para fazer a série de documentários que se conhecem. Entretanto Robert Rossen escreveu um esboço de argumento e o elenco previsto fica Bogart (o primeiro previsto foi Edward G. Robinson), Walter Huston e John Garfield (no papel de Cody). Foi só em 1945, quando John Huston voltou da guerra que o processo avançou, e o realizador escreveu um novo argumento, acabando por Garfield dar lugar a Tim Holt. Durante oito semanas a equipa filmou no México em exteriores naturais, e mais dez dias na Califórnia. Durante as filmagens no México, um misterioso Hal Croves apareceu a Huston afirmando-se como o "tradutor" inglês de Traven, enviado para acompanhar as filmagens. Huston contratou-o com "conselheiro técnico" e declarou posteriormente ter ficado convencido de que estava na presença do próprio Traven. Investigações mais recentes confirmaram a suspeita do realizador. O resultado foi uma das melhores obras de Huston, e a que mais corresponde à sua forma de pensar e viver, ao lado de **The Maltese Falcon** e **The Man Who Would Be King**, todas explorando o tema do "fracasso" e o papel do "acaso" no destino dos homens.

The Treasure of the Sierra Madre é um filme singular na produção de Hollywood na década de 40. Por um lado é uma obra que não se enquadra em qualquer género específico. Tem a paisagem clássica do western, mas também a tem **High Sierra** de Raoul Walsh e, como este não se enquadra no género. Não é um filme "negro" embora tenha muitos dos seus elementos, em particular na fotografia de Ted McCord, com as imagens nocturnas criando uma atmosfera de suspeição durante a retirada dos três homens da Serra Madre, correspondendo, psicologicamente, ao que vai no íntimo de cada um. Não é, também, um filme de aventuras em sentido restrito, como o era, mesmo assim, **The Man Who Would Be King**, faltando-lhe um fôlego épico e trágico que este possui. **The Treasure...** surge, deste modo, mais como um "ponto de partida" para um novo género que engloba elementos de todos os outros e que vai, por outro lado, fazer passar, sob nova forma, para os mesmos. Muito cinema que se fez depois traz as suas marcas, e o autor mais marcado por elas será Sam Peckinpah (para não falar de Don Siegel, entre outros): **The Wild Bunch** será o filme por onde elas passam de modo mais claro, indo Peckinpah ao ponto de "copiar" o final do filme de Huston (mesmo que a sua ética seja outra): o velho Edmond O'Brien e Robert Ryan juntando-se aos índios após o massacre, como Howard (Walter Huston e Curtin (Tim Holt) no fim de **The Treasure...**

The Treasure of the Sierra Madre conquistou três Oscars, e foram todos para os Huston! Walter ganhou o de melhor actor secundário e John os de argumento e realização (foi a primeira vez, salvo erro a única, em que pai e filho receberam Oscars no mesmo filme). Tal como em **The Maltese Falcon**, Walter participara num pequeno papel (não creditado no genérico), a convite do filho, este aparece também (não creditado) em **The Treasure...**: é o americano de fato branco que dá os dólares a Bogart em Tampico. Outros "cúmplices" de Huston foram convidados: assim Jack Holt (pai de Tim), velho e popular actor dos anos 20 e 30 aparece num plano (é o homem que interroga Howard no dormitório) e Ann Sheridan quis marcar a sua presença de forma fugaz na prostituta que atravessa a rua.

Manuel Cintra Ferreira